

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

**PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NO ESPIRITISMO BRASILEIRO***Practices and representations in Brazilian spiritism*

Cleusa Maria Fuckner  
Faculdade Dr. Leocádio J. Correia  
cleusamf@gmail.com

Vera Irene Jurkevics  
Universidade Tuiuti do Paraná  
verajurke@gmail.com

**RESUMO:** A proposta deste artigo é refletirmos sobre o Espiritismo, enquanto revelação da Doutrina dos Espíritos, entendendo suas práticas enquanto Filosofia, Ciência e Religião, a partir da sua codificação, em meados do século XIX, na França, bem como analisarmos os aspectos históricos que favoreceram sua inserção e sua consolidação na sociedade brasileira. Estudar o Espiritismo no Brasil implica analisar a expressão de religiosidade, como parte do sistema de vida de um grupo que envolve não somente a crença, como também a questão de conduta, isto é, um conjunto de práticas culturais e sociais, uma vez que a está associado ao pensamento científico, ao filosófico, à mediunidade, à prática caritativa, além de vários tipos de assistência social e de instituições educacionais.

**Palavras-Chave:** Doutrina dos Espíritos; Espiritismo brasileiro; manifestações mediúnicas.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to reflect on Spiritualism, while revealing the Doctrine of the Spirits, compiled by Allan Kardec, in France in the mid-nineteenth century, understanding their practices while Philosophy, Science and Religion and analyze the historical aspects favored their integration and consolidation in Brazilian society. Study Spiritualism in Brazil involves analyzing the religiosity of expression as part of the system of life of a group that involves not only belief, but also the question of conduct, ie a set of cultural and social practices associated with the scientific thought, the philosophical, to mediumship, the charitable practice, as well as various types of social assistance and educational institutions.

**Keywords:** Doctrine of the Spirits; Brazilian spiritism; psychic manifestations.

## Introdução

O Espiritismo, enquanto doutrina ou conjunto de princípios que lhe servem de base, surgiu na França, a partir de 1857, quando o então intelectual e pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail<sup>1</sup>, adotando o pseudônimo de Allan Kardec<sup>2</sup>, publicou a primeira obra da codificação espírita, denominada *O Livro dos Espíritos*.

Nascido em Lyon, na França, em 1804, de família católica, estudou no Instituto de Educação de Yverdon, dirigido por Pestalozzi, na Suíça, país protestante, onde recebeu formação humanística e conviveu com alunos de diferentes credos, presenciando, por vezes, confrontos e atos de intolerância por divergências de fé. Possivelmente por isso, segundo seus biógrafos, teria se pronunciado, em diversas ocasiões, acerca da necessidade de uma reforma religiosa que promovesse a unificação das crenças, antecipando o que se tornaria, mais tarde, uma das ortodoxias do espiritismo.

Vale lembrar, que Kardec não se identificou como o fundador de uma nova religião, mesmo porque, segundo seu próprio entendimento, os ensinamentos da Doutrina Espírita não foram elaborados por ele. Seu papel foi o de compilar as comunicações recebidas e sistematizar um conhecimento já existente na história humana e revelado pelos Espíritos<sup>3</sup>.

Na Antiguidade, diversos povos acreditavam na intervenção dos mortos na vida dos vivos, que se manifestavam como Espíritos protetores ou como forças sobrenaturais. De acordo com as particularidades culturais, tais crenças eram simbolizadas através de rituais mágico religiosos, manifestações folclóricas ou ainda, como sistemas filosóficos mais elaborados. Concepções religiosas orientais como as dos egípcios, dos vedas e dos gregos, como Sócrates e Platão, revelavam a crença da palingenesia (sucessivos renascimentos ou o eterno retorno) e ao entendimento da essência humana, convencidos de que guardava os princípios eternos e era a chave dos

---

<sup>1</sup> Publicou várias obras pedagógicas e dedicou-se ao magistério por mais de três décadas, tendo participado de importantes momentos nas reformas educacionais, na França, na primeira metade do século XIX.

<sup>2</sup> Seu nome, segundo revelação espiritual, quando viveu entre os druidas, numa encarnação anterior.

<sup>3</sup> Os espíritas escrevem Espírito, em maiúsculo, para diferenciar da grafia, em minúsculo, tratada, pelo senso comum, como a parte imaterial do ser humano. Para a Doutrina Espírita, os Espíritos são seres inteligentes da criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e constituem o mundo invisível. Não são seres oriundos de uma criação especial, mas as almas dos que viveram na Terra e que deixaram o corpo físico.

problemas da vida. Em comum defendiam que a alma habitava duas modalidades de mundo: uma visível e material e outra, oculta e espiritual, enquanto a razão e a consciência guiavam suas ações, em busca das verdades transcendentais e de aperfeiçoamento interior (DENIS, 1990).

Na Gália antiga, os sacerdotes druidas utilizando-se de princípios naturais e de práticas de cura magnética, obtidos no interior das florestas, atraíam enfermos de todos os tipos até de regiões distantes. No entanto, com o advento do cristianismo essas concepções religiosas foram reprimidas e qualquer comunicação com o mundo imaterial passou a ser entendida e combatida como manifestação demoníaca, levando muitos praticantes à morte. A sobrevivência desse conhecimento possivelmente tenha se dado, no próprio interior dos espaços sacralizados, de forma velada, adquirindo, ao longo do tempo, outras formas de expressão.

Há consenso entre os espíritas de que o espiritismo, tal como hoje é conhecido<sup>4</sup>, teve origem com o episódio mediúnico de Margareth e Katherine Fox, filhas de fazendeiros metodistas de Hydesville, que na noite de 28 de março de 1848 teriam ouvido ruídos, *raps*, além de som de cadeiras arrastadas que se deslocavam, provocando pânico. Noites mais tarde, os sons recomeçaram, e uma das meninas começou “um diálogo<sup>5</sup> com o batedor do mundo invisível” (WANTUIL e THIENSEN, 1980, p. 49). Vizinhos foram chamados e testemunharam as comunicações, a imprensa local divulgou o fato, e logo a Família Fox passou a ser perseguida por moradores da região. Pouco depois, outros fenômenos foram registrados em outras localidades dos EUA e também na Europa, provocando acirrados debates. Comissões de cientistas e de incrédulos passaram a acompanhar as sessões, em que mesas adquiriam uma estranha vibração, por isso, foram chamadas de “mesas girantes” e que, em pouco tempo, se transformaram em “mesas falantes”, por responderem a perguntas, sendo que as pessoas sentadas ao seu redor, mantinham suas mãos espalmadas.

Por toda a Europa popularizaram-se as comunicações com o mundo espiritual,

---

<sup>4</sup> Alguns autores usam a expressão Espiritismo Moderno para diferenciar esta fase, em que ocorreu a formação de um corpo doutrinal, das demais fases da humanidade, uma vez que a Doutrina Espírita postula que as manifestações espirituais sempre existiram, desde os tempos primiciais, como por exemplo, as concepções religiosas de povos orientais, como o vedismo, a compreensão da palingenesia dos egípcios, os mistérios eleusianos, as consultas aos oráculos, as comunicações registradas pela Bíblia, os fenômenos considerados bruxaria na Idade Média, as visões da monja beneditina Hildegard von Bingen, no século XI e, posteriormente, os episódios envolvendo Joana d’Arc, entre outros.

<sup>5</sup> Para a letra a, uma batida, para b, duas e assim sucessivamente.

embora o clima fosse de curiosidade e lazer. As primeiras publicações<sup>6</sup>, tidas como científicas, foram ridicularizadas pela imprensa laica ou vinculadas a outras religiões. Logo obras psicografadas por Andrew Jackson Davis também foram editadas, mas sem despertar maior interesse nos círculos intelectuais, exceto por Hyppolite Léon Denizar Rivail.

Maurice Lachâtre, editor das obras codificadas por Kardec, escreveu na época:

Por volta de 1850, assim que se tratou da manifestação dos Espíritos, Allan Kardec se entregou às observações perseverantes sobre estes fenômenos e se dedicou principalmente a deduzir deles as conseqüências filosóficas. Neles entreviu antes de tudo o princípio de novas leis naturais: aquelas que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível, reconheceu na reação deste último uma das forças da natureza, e seu conhecimento devia lançar luz sobre uma multidão de problemas reputados insolúveis, e compreendeu o alcance disso do ponto de vista científico, social e religioso (KARDEC, 2004, p. 306).

Kardec dedicou-se a um estudo criterioso dos fenômenos antes de trazer a público as obras da Codificação Espírita que ainda são consideradas essenciais para o conhecimento doutrinal: *O Livro dos Espíritos* (1857); *O Livro dos Médiuns* (1861); *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864); *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Kardec na Introdução de *O Livro dos Espíritos* esclareceu que,

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que, de tais comunicações, se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e se tornaram patentes a todos. Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de Sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade. Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar. Em o [sic] número dos Espíritos que concorreram para a execução desta obra, muitos se contam que viveram, em épocas diversas, na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria. Outros, pelos seus nomes, não pertencem a nenhuma personagem, cuja lembrança a História guarde, mas cuja elevação é atestada pela pureza de seus ensinamentos e pela união em que se acham com os que usam de nomes venerados (2001, p. 46).

---

<sup>6</sup> *Arcanos da Vida Futura e Estudos da Alma Humana e suas Relações com o Universo*, do magnetizador francês Louis Alphonse Cahagnet, fundador da Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas, atual Sociedade dos Estudantes Swedenborguianos, ainda em atividade.

Vale lembrar que, mesmo refutando qualquer autoria em termos de corpo doutrinal, Kardec afirmou que criou o neologismo espiritismo para diferenciar a Doutrina dos Espíritos de outras práticas espiritualistas. Outro esclarecimento importante, neste contexto da codificação, é que a Doutrina Espírita é entendida como a terceira revelação<sup>7</sup>. De acordo com o *Evangelho Segundo o Espiritismo*,

A lei do Antigo Testamento está personificada em Moises; a do Novo Testamento em Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não está personificada em ninguém, porque ele é o produto do ensinamento dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são as vozes do céu, em todas as partes da Terra, e por inumerável multidão de intermediários. Trata-se, de qualquer maneira, de um ser coletivo, compreendendo o conjunto dos seres do mundo espiritual, cada qual trazendo aos homens o tributo de suas luzes, para fazê-los conhecer esse mundo e a sorte que nele os espera. (KARDEC, 2000, p. 42).

O Espiritismo não se colocava, como não se coloca na atualidade, como uma doutrina pronta, imutável ou dogmática. De acordo com seus postulados, está aberta e deve absorver novos entendimentos, de acordo com o desenvolvimento cultural, mas sem que perca sua essência religiosa a partir de dois princípios centrais: a existência de Deus e a imortalidade da alma. Definindo-se como uma doutrina científica, filosófica e religiosa, o espiritismo tornou-se uma nova vertente do cristianismo e segundo Sandra Damázio “era uma vertente do espiritualismo eclético do século XIX” (1994, p. 11). No entanto, Kardec deu outro sentido ao termo espiritualismo, uma vez que na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, fez a seguinte distinção:

Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Qualquer pessoa que acredite ter em si outra coisa além da matéria é espiritualista; mas isso não significa que ela acredite na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo terreno. Para designar esta última crença em lugar das palavras espiritual e espiritualismo, empregaremos as palavras, espírita e espiritismo, cujas formas lembram a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis. Diremos, então que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os

---

<sup>7</sup> A vertente religiosa da Doutrina Espírita identifica-se com o cristianismo, embora discorde dele em várias questões como a vida após a morte, o Paraíso, o Purgatório, o Inferno, Pecado Original, entre outros. Por outro lado, vale lembrar que, apesar do Islamismo ter se constituído, também como revelação, no século VII, pertencer ao rol das religiões monoteístas e legitimar os profetas bíblicos (incluindo nessa categoria Jesus Cristo), a Doutrina Espírita não lhe fez, no contexto de seu advento, nenhuma menção. Vários estudiosos das religiões advogam que a terceira revelação resultou no Islamismo, diferentemente do que afirmam os espíritas.

adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem os espiritistas (2001, p. 9).

Apesar de se apresentar como uma doutrina assentada no tripé ciência (estudo fenomenológico das relações entre o mundo material e o mundo espiritual), filosofia (reflexão acerca dos fenômenos cientificamente estudados) e religião (prática efetiva do que foi apontado pela filosofia). Nos Estados Unidos e Europa, o maior interesse se deu quanto às questões fenomenológicas e filosóficas, certamente em função de sua própria herança cultural. No Brasil, diferentemente, seu entendimento religioso foi o mais privilegiado. Tomando por fundamentação a máxima cristã de que “Fora da caridade, não há salvação”, o movimento espírita brasileiro tem promovido, ao longo de pouco mais de um século e meio, uma efetiva obra evangelizadora e proselitista, o que lhe permitiu demarcar, gradativamente, seu espaço social, resultando na consolidação deste pensamento religioso.

### **O Espiritismo no Brasil**

A cidade do Rio de Janeiro, em meados do século XIX, além de capital administrativa era também o principal centro cultural brasileiro, que mantinha laços com diversos países europeus, sobretudo com a Inglaterra, no campo econômico e com a França, no plano cultural. Notícias acerca da doutrina, ainda em fase de articulação, na década de 1860, começaram a ser divulgadas entre os setores mais eruditos daquela cidade, que absorveram tanto o caráter científico, quanto o religioso, conciliando os princípios cientificistas, com os ideais liberais, especialmente a questão da igualdade entre os homens e da preservação de valores tradicionais como a prática da caridade.

Por outro lado, a presença de maçons, entre intelectuais e políticos, naquele período, responsáveis em parte pela difusão dos ideais iluministas da franco maçonaria que defendia uma prática humanitária, a crença na imortalidade da alma e na intercomunicação entre o mundo físico e o mundo espiritual. Nesse contexto, ocorreu uma simbiose filosófica entre maçons e espíritas, uma vez que esses grupos, argumentavam acerca da necessidade de um aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio de uma prática desinteressada do bem e da investigação científica constante.

Dessa forma, o trânsito com a cultura francesa foi um dos fatores decisivos para a leitura das obras de Kardec em francês e posteriormente em português, por parte da

elite que dominava aquele idioma. Casemir Lieutand, poeta e contista francês, radicado no Rio de Janeiro, publicou um dos primeiros livros de literatura espírita escritos no país, *Les temps sont arrivés*, priorizando os aspectos científicos e filosóficos da doutrina. Tempos depois, Alexandre Canu traduziu e publicou o livro de Kardec, *O Espiritismo na sua forma mais simples*<sup>8</sup>, ao mesmo tempo em que o modismo das manifestações fenomenológicas que movimentava os salões norte americanos e europeus, também se difundia na capital do Império.

Naquele contexto, marcado por epidemias e com uma tradição de interrelação entre conhecimentos indígenas e práticas trazidas pelos negros, a homeopatia<sup>9</sup> veio ao encontro das vivências culturais e da necessidade médica que contemplava ações que ajudaram o espiritismo a se tornar conhecido, uma vez que os centros espíritas popularizaram a aplicação de passes<sup>10</sup> e, em geral, recomendavam também tratamento homeopático.

Somente na segunda metade do século XIX, após os surtos de cólera, de varíola e de febre amarela, o governo imperial decretou uma comissão para atender à Saúde Pública, quando então foram criados os lazaretos, com o objetivo de isolar os infectados, numa tentativa de conter o avanço epidêmico. A população carente, no entanto, continuava de um modo geral, sem acesso à assistência médica regular, contando apenas com as Santas Casas de Misericórdia. Assim, consideramos natural que um grande número de doentes procurasse ajuda junto aos receitistas e curandeiros de toda ordem que pudessem, de alguma forma, aliviar seus sofrimentos.

Assim, nesse cenário de precariedade de serviços públicos, acentuou-se a prescrição de receitas homeopáticas e de passes mediúnicos, ao mesmo tempo em que se difundia o ideal de fraternidade e da caridade através das orientações morais ministradas pelos Espíritos, nos Grupos Familiares e que, gradativamente, foram os

---

<sup>8</sup> Kardec publicou também: *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* (1859); *O que é Espiritismo* (1859); *Carta sobre o Espiritismo* (1860); *Resposta a Mensagem dos Espíritas Lioneses por ocasião do Ano Novo* (1862); *Viagem Espírita* (1862); *Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas ou Primeira Iniciação* (1846); *Coleção de Composições Inéditas* (1865); *Coleção de Preces Espíritas* (1866); *Estudo a Cerca da poesia Mediúnica* (1867). Em 1890, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas publicou *Obras Póstumas*, a partir de uma compilação de escritos deixados por Kardec.

<sup>9</sup> Benoit Mure e João Vicente Martins, médicos homeopatas e médiuns clarividentes (característica que algumas pessoas desenvolvem de ver sem o auxílio dos órgãos da visão), que também praticavam a psicografia (escrita dos Espíritos pelas mãos dos médiuns).

<sup>10</sup> Transusão de energias psicofísicas de um encarnado a outro ou de um Espírito transmitido por meio de um médium, pessoa acessível à influência dos Espíritos e dotados da faculdade de intermediar energias e comunicações do mundo espiritual.

responsáveis pela fundação de Centros Espíritas, instituições de estudo doutrinário, da prática mediúnic, da homeopatia e da consolidação do espiritismo.

Analisando a literatura espírita percebemos que o conhecimento da Doutrina Espírita trouxe ao país uma visão diferenciada do que aqui era entendido por religião, visto que o Espiritismo desde o seu início se assentava como Filosofia, Ciência e Religião. No entanto, tal qual na Europa, despertou aqui uma forte oposição, tanto da área médica, quanto de grupos religiosos, com destaque para os católicos que promoviam campanhas difamatórias, alertando que o espiritismo, longe de ser uma religião cristã, representava, na verdade, uma nova versão de feitiçaria e de ocultismo.

No entanto, Bezerra de Menezes, médico conhecido no Rio de Janeiro, diferentemente de seus pares, se destacou na propagação da Doutrina Espírita. Educado e praticante do catolicismo, em determinada ocasião ganhou um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, e a partir desse primeiro contato, passou a estudar, a divulgar e a praticar os postulados do espiritismo. Casemiro de Abreu apontou que Bezerra “como toda gente culta, naquela grande aldeia que era a Corte ao tempo do Concílio do Vaticano<sup>11</sup>, discutia e estudava religião e ouvia falar da doutrina de Allan Kardec” (1991, p. 28) e segundo um texto do próprio Bezerra, publicado na *Revista Reformador*, ele “repelia semelhante doutrina, sem conhecê-la nem de leve, pelo temor de perturbar a tal e qual paz que me trouxera de volta a religião de meus maiores, embora com restrições”. Estas restrições eram relativas à Igreja e ao Estado (ABREU, 1991, p. 28).

Em escritos posteriores, Bezerra de Menezes, registrou que ao término da leitura, de pronto identificou-se com seu conteúdo, sentindo que aqueles enunciados expressavam seus sentimentos, provocando uma sensação de que sempre conhecera aquela literatura. Em 1886, se declarou publicamente espírita e passou a escrever regularmente para o jornal espírita *O Reformador*. Segundo Costa, Bezerra de Menezes “expõe os princípios espíritas, comparando-os com os dogmas católicos, criticando os conceitos de céu, inferno, pecado original, origem do homem, defendidos pelo catolicismo, apresentando desde o início um discurso de polêmica contra o principal adversário do Espiritismo no Brasil” (2001, p. 64-65).

Bezerra de Menezes foi presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB) em duas gestões, instituição fundada em 1884, no Rio de Janeiro, com a função de

---

<sup>11</sup> O autor se refere ao Concílio Vaticano I (1869-70), convocado por Pio IX.



organizar o Movimento Espírita delimitando o seu campo de atuação e distinguindo-o de outras práticas religiosas que também se utilizam dos aspectos da mediunidade e da comunicação espiritual, como as religiões de matriz africana. Objetivava normatizar o funcionamento dos Grupos de Estudo e dos Centros Espíritas, em que, segundo sua visão, deveriam ser priorizados os estudos doutrinários.

Assim como na Europa, ocorreu aqui uma polêmica sobre o conceito espírita. Seria o Espiritismo uma religião, uma doutrina ou somente uma filosofia com princípios morais?

Nas palavras de Kardec, em *O que é o espiritismo*, “O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se pode estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem destas relações”. (2004, p. 12). A expressão “consequências morais” gerou dúvidas entre os estudiosos do Espiritismo, a ponto de muitos se perguntarem se de fato a doutrina tinha um caráter religioso. O discurso publicado na *Revista Espírita*, de dezembro de 1868, o último proferido por Kardec, ele apontou que,

Se assim é, perguntarão então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza. Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública. Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (1964, p. 357).

Entendemos que Kardec objetivava distanciar o Espiritismo das práticas religiosas tradicionais da época, demonstrando que o conceito compunha um tripé formado também pela ciência e pela filosofia. No *Dicionário de Filosofia Espírita* encontramos a seguinte definição para a filosofia espírita “constituiu, de fato, a súpula das atividades evolutivas do Espírito encarnado na Terra. Suas equações são as energias

que fecundam a Ciência, espiritualizando-lhe os princípios, até que unidas uma à outra, indissolivelmente, penetrem o átrio divino das verdades eternas” (PALHANO JR., 2004, p. 129-130).

Na visão de Kardec, o Espiritismo é a ciência que veio revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e as suas relações com o mundo corpóreo, porque se ocorrem fenômenos espirituais, o Espírito é acessível à pesquisa científica. Em *O Livro dos Espíritos*, sinalizou que,

a Ciência Espírita contém duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, e outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Qualquer um que tenha observado apenas a parte experimental encontra-se na posição daquele que só conhece a Física pelas experiências recreativas, sem ter penetrado a fundo na ciência (2001, p. 43).

Devemos considerar também que o codificador indicou uma possibilidade de relação muito interessante entre a ciência e a religião representada aqui pelo Espiritismo:

O Espiritismo e a ciência se complementam um pelo outro; a ciência, sem o Espiritismo, se acha impossibilitada de explicar certos fenômenos, unicamente pelas leis da matéria; o Espiritismo, sem a Ciência, ficaria sem apoio e exame. O estudo das leis materiais deveria preceder o da espiritualidade, porque é a matéria que primeiramente fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse aparecido antes das descobertas científicas, teria abortado como tudo quanto vem antes do tempo (KARDEC, 1999, p. 17).

Também em *A Gênese* localizamos outra exposição de Kardec que referencia o aspecto científico da Doutrina Espírita:

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental. Fatos de ordem nova se apresentam que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele as observa, analisa e partindo dos efeitos às causas, chega às leis que a rege; depois deduz as consequências e busca as explicações úteis. O Espiritismo não estabelece nenhuma teoria pré-concebida [...] É rigorosamente exato, portanto, dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não o produto da imaginação. As ciências não fizeram progressos sérios senão depois que os seus estudos se basearam sobre o método experimental; mas, acreditava-se que esse método não poderia ser aplicado senão à matéria, ao passo que o é igualmente às coisas metafísicas (1999, p. 16).

Assim, para a Doutrina dos Espíritos, a religião não se sobrepõe à ciência em nenhuma circunstância. Ambas são respaldadas pelo pensamento filosófico e perpassam todas as situações de vida do indivíduo. Até mesmo a fé deve ser racionalizada pelo crivo da ciência. Lembramos aqui Eliane Silva, que teorizando sobre o Espiritualismo entre 1850 e 1930, afirmou que,

O movimento espiritualista colocou-se como uma revolução do pensamento de sua época, num século que aboliu os preconceitos e perseguições religiosas e teve na ciência um avanço intelectual, um aliado valioso. Este movimento aplicou a ciência nas comunicações com os mortos, investigou os fenômenos na sua lógica e veracidade, mas, também, combateu o materialismo simplista e lançou bases para pensar as verdades religiosas, antes dominadas pelo dogmatismo da religião tradicional. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência da alma, uma fé racional encarando os fatos sobrenaturais à luz da razão, sob princípios éticos e de veracidade comprovada, sem negação ou aceitação sistemática para, alguns anos mais tarde, transformar-se em um movimento religioso e filosófico específico. Uma ciência que virou religião e uma religião que virou ciência (1997, p. 11).

Na Europa as comunicações espíritas e a própria prática do espiritismo foram objeto de pesquisa de cientistas, reconhecidos academicamente, no século XIX. Nomes como William Crookes, químico inglês, Alexandre Aksakof, filósofo russo e colaborador de Crookes nas pesquisas sobre materializações de Espíritos e Johann Karl Friedrich Zoellner, físico e astrônomo alemão estiverem entre os pesquisadores que, na segunda metade do século XIX, se dedicaram a estas pesquisas. Segundo Arthur Conan Doyle, em *A História do Espiritismo*, publicado em inglês, em 1926, o autor focalizou fatos do espiritualismo inglês e francês. No Brasil, não localizamos pesquisas neste sentido no século XIX, até porque aqui a pesquisa nesta área ainda é recente e precisamos considerar que o principal viés assumido pela Doutrina no país naquele contexto foi de caráter religioso, fundamentado na prática filantrópica.

### **Práticas Espíritas**

A evolução do Espiritismo, em solo brasileiro, se deu, sobretudo, no campo religioso e pela prática da filantropia. A caridade na visão espírita não consiste em dar esmolas ou oferecer assistência social, mas, antes de tudo, empreender um processo educativo de si mesmo e do outro. De acordo com *O Livro dos Espíritos*,

O homem de bem, que compreende a caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão. ‘A verdadeira caridade é sempre bondosa e benévola; está tanto no ato, como na maneira por que é praticado. Duplo valor tem um serviço prestado com delicadeza. Se o for com altivez, pode ser que a necessidade obrigue quem o recebe a aceitá-lo, mas o seu coração pouco se comoverá. ‘Lembraí-vos também de que, aos olhos de Deus, a ostentação tira o mérito ao benefício’. Disse Jesus: ‘Ignore a vossa mão esquerda o que a direita der’. Por essa forma, ele vos ensinou a não tishardes a caridade com o orgulho. ‘Deve-se distinguir a esmola, propriamente dita, da beneficência’. Nem sempre o mais necessitado é o que pede. O temor de uma humilhação detém o verdadeiro pobre, que muita vez sofre sem se queixar. A esse é que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar, sem ostentação. ‘Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, lei divina, mediante a qual governa Deus os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. [...] Sede, pois, caridosos, praticando, não só a caridade que vos faz dar friamente o óbolo que tirais do bolso ao que vo-lo ousa pedir, mas a que vos leve ao encontro das misérias ocultas. Sede indulgentes com os defeitos dos vossos semelhantes. Em vez de votardes desprezo à ignorância e ao vício, instruí os ignorantes e moralizai os viciados. Sede brandos e benevolentes para com tudo o que vos seja inferior. Sede-o para com os seres mais ínfimos da criação e tereis obedecido à lei de Deus (2001, p. 354).

Assim, para o espiritismo, a caridade transcende as obras de assistência, mas enfatiza as ações educativas e sociais, seja por meio das instituições escolares, quanto dos Centros Espíritas. No século XIX, o princípio da caridade foi um dos fatores que contribuiu para a divulgação da doutrina e para o engajamento de seus defensores na luta pela Abolição da Escravatura e para a percepção da necessidade de assistência social à população escrava, assim como a necessidade de luta contra a miséria da população em geral.

O passe mediúnico consiste na imposição de mãos do médium sobre a pessoa que o recebe. Os espíritas acreditam que, por meio deste gesto, canalizam energia espiritual que ajuda a equilibrar as energias de ambos, tanto daquele que ministra o passe, como da pessoa que recebe. Essa prática fundamenta-se no magnetismo, que é anterior à codificação da doutrina. Uma referência bastante esclarecedora, acerca de sua eficácia, encontra-se em *A Gênese*,

São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade e ainda, a ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras: 1.º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido; 2.º pelo fluido dos

Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento (KARDEC, 1999, p. 251).

O termo desencarne significa a morte do corpo físico. Kardec, na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, argumentou que:

A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório. Há no homem três coisas: 1.º, o corpo ou ser material análogo aos animais e “animado pelo mesmo princípio vital; 2.º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3.º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o “Espírito. “Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos. O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal.” (2001, p. 20).

O Espiritismo pode ser resumido, *a priori*, em cinco princípios fundamentais que sustentam seu corpo doutrinário e caracterizam sua prática educacional, constituídos pela crença em Deus, inteligência suprema e causa primária de todas as coisas, pela imortalidade da alma, pela pluralidade das existências, a comunicabilidade dos Espíritos e o processo evolutivo de todos os seres.

Desses princípios, os dois primeiros são preceitos aceitos pelos cristãos e protestantes. O diferencial do Espiritismo está justamente na ideia de reencarnação e na mediunidade, questões inaceitáveis para a Igreja Católica. Apesar de se identificar como uma vertente cristã e de defender o catolicismo como uma etapa fundamental na história da humanidade, se diferencia por seu caráter reencarnacionista e evolucionista, o que faz com que seus “adeptos o considerem como o estágio mais avançado das culturas judaicas-cristãs e entendem que a sua revelação ocorreu somente no século XIX” (JURKEVICS, 1998).

Assim, no entendimento dos espíritas, somente naquele período o pensamento ocidental atingiu um grau de avanço e concepção filosófica e científica capaz de compreender as explicações trazidas pela Doutrina Espírita.

Em países europeus como a França, Suécia, Itália, Alemanha e Espanha, bem como nos Estados Unidos, predominou o caráter científico-filosófico do Espiritismo, enquanto no Brasil o caráter religioso, foi o que mais se desenvolveu, devido às condições sociais vivenciadas no século XIX, com a ausência quase total de infra

estrutura para saúde e educação, situação agravada pelo fato de que parte da população era formada por ex-escravos que viviam em condições precárias. Desde então, os espíritas têm promovido uma obra evangelizadora e assistencial que lhes permitiu, gradativamente, demarcar seu *ethos* e suas fronteiras sociais, no quadro da consolidação deste pensamento religioso.

## Referências

- ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes. (Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895)**. São Paulo: FEESP, São Paulo, 1991.
- DAMAZIO, Sylvia F. **Da Elite ao Povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1994.
- DENIS, L. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, s/d.
- JURKEVICS, Vera Irene. **Crenças e Vivências espíritas na Cidade de Franca. (1904-1980)** 137f. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, Franca, 1998.
- KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo** Araras/SP: Instituto de Difusão Espírita, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos, Ano 1868**; Tradução: Júlio Abreu Filho. São Paulo: Cultural Espírita, 1964.
- \_\_\_\_\_. **O Livro dos Espíritos**. São Paulo: EME, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A Gênese. Os milagres e as predições segundo o Espiritismo**. São Paulo: Lake, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. São Paulo: Lake, 2000.
- PALHANO JR., L. **Dicionário de Filosofia Espírita**. Rio de Janeiro: CELD, 2004.
- SILVA, Eliane Moura. **Reflexões teóricas e Históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930**. 51 f. (Relatório de Pesquisa) Departamento de História. IFCH, Unicamp, 1997. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~elmoura/O%20Espiritualismo%20nos%20S%20E9c.%20XIX%20e%20XX.doc>> Acesso em 10/09/2008.
- WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

Recebido: 14/10/2015

*Received:* 10/14/2015

Aprovado: 03/12/2015

*Approved:* 12/03/2015